

3 DE FEVEREIRO

Eduardo Mondlane pertenceu à geração dos jovens africanos nascidos na década de 20, estudaram e formaram-se na década de 40 e começaram a produzir na década de 60. Eduardo Mondlane foi contemporâneo de Kwame Nkrumah do Gana, de Sekou Touré da Guiné-Conacry, de Amílcar Cabral da Guiné-Bissau, de Julius Nyerere da Tanzânia, de Agostinho Neto de Angola, de Ben Bella da Argélia, de Nelson Mandela e Oliver Tambo da África do Sul, de Leopoldo Senghor

Fundador do "Nesam" e da FRELIMO *

POR GABRIEL SIMBINE

do Senegal, de Martin Luther King dos EUA, etc, etc.

Foram jovens que na sua adolescência sentiram e sofreram as consequências e os efeitos da I Guerra Mundial e no período formativo conheceram o horror da II Guerra Mundial, na altura a terminar o seu período de formação na Europa e na América do Norte.

Salvo raras exceções, todos conseguiram bolsas de estudo no Ocidente depois de concluírem os ensinamentos primário e secundário nos seus países de origem. Quase todos passaram pelas escolas das missões religiosas, únicas institui-

ções de então para crianças, jovens e adolescentes da raça negra.

A II Guerra Mundial arruinou tanto os impérios coloniais europeus até ao ponto de não ser viável a manutenção dos exércitos coloniais de ocupação por falta de jovens recrutas para os formar e das dotações orçamentais para os pagar. Não havia homens e dinheiro. A solução era a dissolução dos impérios coloniais, libertando a terra e os homens colonizados.

Quando a Índia alcançou a independência nacional com Jawaharlal Nehru em 1947 Eduardo Mondlane devia ter estado ou a concluir o ensino secundário numa escola na

Tempo para conversa vendo-se, em primeiro plano, John Sakaupanya, Joaquim Chissano e Shafurdine Khan (ao lado de Mondlane)



provincia sul-africana do Transvaal ou a matricular-se na Universidade de Witwatersrand em Johannesburgo.

Com a primeira vitória do Partido Nacionalista de François Malan nas eleições de 1948, Eduardo Mondlane foi atingido pelas primeiras medidas do novo regime do «apartheid»: a expulsão de todos os estudantes estrangeiros negros da África do Sul.

Regressado a Moçambique, Eduardo Mondlane cria em 1949 o Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM) na então cidade de Lourenço Marques. Não deve ter passado pela cabeça de Mondlane que NESAM iria congrega e formar política e ideologicamente os jovens que, primeiro, iriam juntar-se à luta de libertação nacional, segundo, iriam continuar a luta depois do seu desaparecimento físico e, terceiro, seriam esses jovens a base do Partido e Governo de Moçambique.

Eduardo Mondlane, em 1949, criou um núcleo de formação e consciencialização de jovens que, 20 anos depois, iriam dar continuidade à sua obra. Os jovens de NESAM estão hoje na Presidência da República, nos Transportes e Comunicações, na Segurança, na Defesa e Segurança, no Aparelho do Estado e do Partido, etc.

Os jovens da geração de Mondlane, influenciados pelas duas guerras mundiais devastadoras e intelectualizadas e ocidentalizadas nas universidades da Europa e América do Norte, vieram formar o «Movimento Libertador» da África da década de 60. O período, curto ou longo, de ausência longe de casa, não fez esquecer as condições prevaletentes nos países de origem. Os conhecimentos adquiridos nas instituições do ensino superior do mundo ocidental, os contactos estabelecidos e as amizades criadas e forjadas com académicos, políticos, estadistas, artistas, homens de negócios e estudantes europeus, americanos, asiáticos e africanos alargaram a sua visão do mundo: analisaram correctamente as condições diferentes existentes na Europa e na África, tiraram as conclusões e finalmente encontraram o lugar que lhes cabia e o papel que deviam de-

sempenhar no Movimento Libertador. Vieram juntar-se a estes jovens intelectuais ocidentalizados mas sem nunca perderem a consciência e a perspectiva do seu lugar na história, os militares africanos desmobilizados dos exércitos vencedores europeus na luta contra a Alemanha Nazi.

Os intelectuais, os militares e os sindicalistas da década de 60 foram o motor de arranque no processo libertador que caracterizou o continente africano na década de 60. Foi a década da África.

Eu conheci Eduardo Mondlane entre 1940 e 1942 quando ele foi frequentar um curso de dois anos da agricultura do sequeiro na Missão de Cambine, Inhambane. Devia ser um jovem dos seus vinte anos, aproximadamente. Ele tinha noção de música e em toda a provincia de Inhambane Cambine era a melhor escola para quem gostasse de cantar ou organizar grupos corais. Eu pertencia a um outro grupo coral mas não me custou nada juntar-me ao novo grupo que Mondlane acabava de iniciar e formar. Uma das primeiras, senão mesmo a primeira, foi a estória musicada de «A aposta do Sol e do Vento», cantada em Tsonga. Num internato em que as línguas de comunicação social eram português e xitswa, aparece Mondlane a ensinar-nos «Xidzedze», termo que traduzido para o português, significa ventania. Os jovens, em quase toda a parte do mundo, gostam de dar alcunhas aos seus dirigentes, professores, responsáveis e até mesmo aos amigos. Mondlane ficou com a alcunha de Xidzedze.

Eduardo Mondlane tinha já a quarta classe feita e o curso da agricultura do sequeiro mas não se sentia realizado. Tinha a grande sede e vontade de aprender. Eu não sei se Mondlane era inteligente ou não. Eu não tinha idade para ser seu colega. Que foi estudante muito aplicado e estudioso, disso sei eu. Aquele corpo alto e quase franzino era portador de um espírito com uma vontade insaciável de aprender. Também não sei se Mondlane era um homem organizado. Que era muito dedicado e grande trabalhador, disso sei eu.

Esse meu conhecimento de Mondlane dos anos 40 veio completar-se a partir de 1960 até à sua mor-

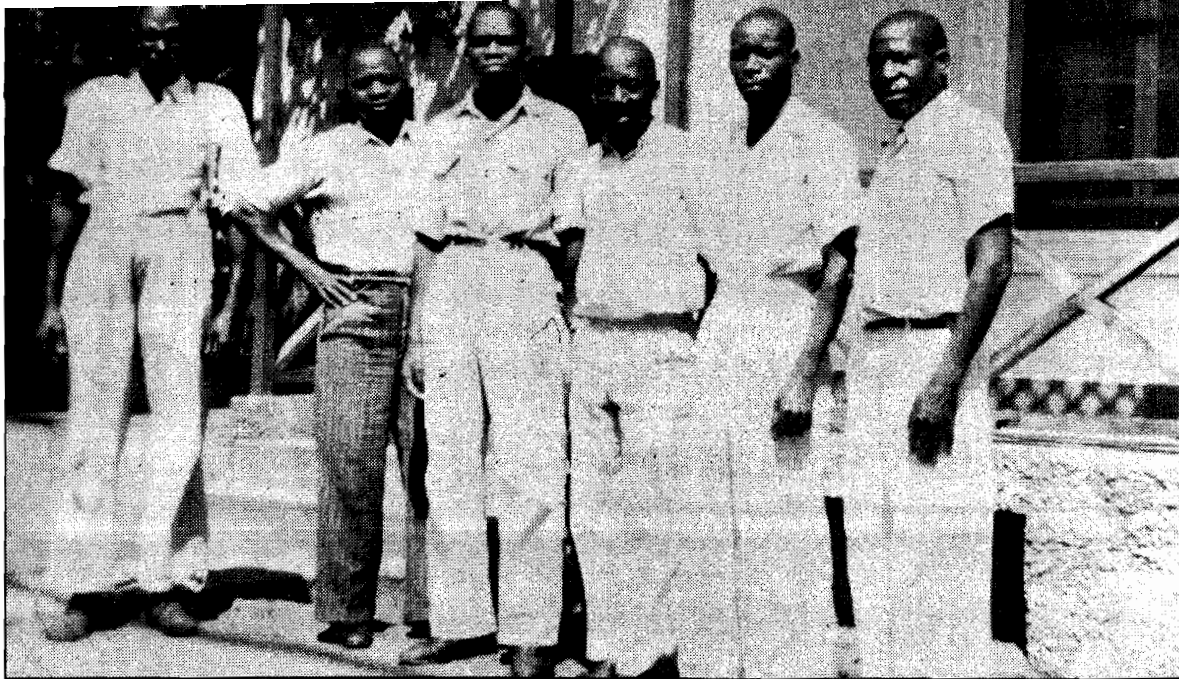
te em 1969. A primeira viagem para fora de Moçambique levou-me até aos Estados Unidos da América, com uma passagem por Lisboa onde permaneci dois dias no Lar dos Estudantes Africanos das colónias portuguesas. Fui encontrar Mondlane em Nova Iorque em Março de 1960, já formado e trabalhador da ONU. Quando as agências internacionais de informação deram a conhecer ao mundo a notícia do Massacre de Sharpeville, Mondlane e eu comentámos longamente sobre o triste acontecimento. Ele levava-me para o seu gabinete de trabalho no 33.º andar do edifício da ONU e no fim-de-semana ia com ele para casa. Conheci então a esposa e filhos ainda pequenos. Em sua casa estava eu como se fosse visita de honra. De um lado estava Mondlane ansioso em saber as notícias frescas do povo que não via, havia mais de dez anos e do outro lado estava a Janet a querer saber algo de Moçambique que não conhecia senão através da informação que o marido lhe dava.

A CONVERSA DE NOVA IORQUE

«Eu vou abandonar as Nações Unidas para me dedicar ao trabalho da criação de um Movimento de Libertação de Moçambique. Tenho de mobilizar o povo para se engajar na luta armada contra o colonialismo português. Os portugueses terão que sair de Moçambique.»

«Porquê abandonar a ONU?» — perguntei eu.

«Porque os Estatutos da ONU não deixam todo e qualquer funcionário seu tomar parte numa actividade contra um estado membro. Como funcionário desta organização não posso, porque não devo, tomar parte numa acção contra Portugal.» A conversa continua. «O movimento de libertação que vou criar terá a sua base na Tanganyika [Tanzania], país sob a tutela da Grã-Bretanha mas que em 1961 vai alcançar a independência sob a direcção de Julius Nyerere, um grande amigo meu.» [Os dois conheceram-se bem na ONU quando Nyerere ia apresentar a petição sobre a independência da então Tanganyika].



Mondlane, o terceiro da esquerda para a direita quando se encontrava na Missão Suíça

As razões que levaram Mondlane a escolher Dar-Es-Salaam foram duas: Tanganyika fica perto de Moçambique e ele podia contar com o apoio de Nyerere.

Mondlane continua: «O futuro governo de Tanganyika vai autorizar a criação de um sector para divulgação radiofónica do programa e objectivos do nosso movimento para mobilizar e consciencializar os moçambicanos para aceitarem a luta armada como a única via de alcançarmos a independência nacional.»

O leitor pode imaginar estar no meu lugar. Eu nunca tinha lido ou ouvido falar da luta armada. «Mas, Eduardo, o que é isso da luta armada? Quem vai lutar, quem vai ensinar o povo a pegar em armas, donde virão as armas e munições e onde vamos lutar se ficamos em Dar-Es-Salaam?»

Mondlane deve ter achado as minhas perguntas ingénuas ou mesmos estúpidas. Ele tinha o plano já concebido. Eu não. Até eu achava o exército português forte e invencível.

Mondlane tinha o direito de gozar as férias em 1961. Ele colocou-me a possibilidade de gozá-las em Moçambique. Eu disse-lhe que não haveria problemas graves com o governo colonial português desde que fosse portador de um passaporte internacional da ONU. As autoridades portuguesas em Moçambique haviam de vigiá-lo e controlar os seus movimentos mas nunca po-

diam fazer algo que prejudicasse a sua saúde e liberdade.

Como tinha que passar pelos Camarões para representar a ONU nas eleições gerais para a independência daquele país africano, a esposa e filhos entraram em Moçambique primeiro. Eu vim de Inhambane encontrá-los em Khovo. Tinham comida e lugar para dormir mas sem possibilidades de sair para visitar a cidade. O meu aparecimento, embora accidental, foi um grande alívio para a camarada Janet. Ela não tinha meios de transporte. Eu também não. Mas tinha que ser eu a encontrar a solução. Finalmente ela tinha encontrado uma pessoa conhecida e com quem pudeste traçar um pequeno plano de visitas. Eu acabei por encontrar um velho amigo proprietário de uma viatura automóvel e que nos podia conduzir pessoalmente. A camarada Janet queria visitar os subúrbios de Lourenço Marques, iniciando assim o contacto com a realidade moçambicana mesmo antes da chegada do marido dos Camarões. Fomos visitar Hlamankulu e Xipamanine, duas das maiores cidades de caniço da nossa urbe. Eddie, Chude e Nyelete não gostaram de ficar em Khovo sem a mãe, mas nós tínhamos decidido ir sem eles. A camarada Janet tinha recebido instruções dos missionários suíços para não sair de Khovo, por razões de segurança, diziam eles. A nossa visita a Hlamankulu e Xipamanine foi contra a vontade dos missionários. Mas lá fomos.

Eu regressiei para Inhambane antes de Mondlane chegar dos Camarões, mas fui muito contente por saber que ele havia incluído Inhambane na sua agenda de visitas a Moçambique. Eu autonominei-me chefe do grupo da recepção a Mondlane e família em Chicucue, Maxixe.

O ano de 1961 foi o último ano em que Mondlane pôs os pés na terra que o viu nascer. Mas foi o ano decisivo para a sua missão de lutar para libertar a terra e os homens.

Quando voltei de novo para os Estados Unidos em Agosto de 1961 para estudar, Mondlane preparava-se para abandonar o professorado para seguir para Dar-Es-Salaam.

De Nova Iorque para Moçambique, passando por Dar-Es-Salaam no Kwame Nkrumah Street, o plano materializou-se antes da sua trágica morte a 3 de Fevereiro de 1969.

Eduardo Mondlane (Xidzedze) foi um homem de excelentes capacidades de análise e boa visão do futuro, alegre, divertido e muito comunicativo. Muitos que o tiveram como colega, companheiro e amigo lembram-se de uma figura alta e uma voz forte. Mondlane falava muito e ria-se alto. A sua filha mais nova, Nyelete, tem algo do pai.

Foi fundador da Frente de Libertação de Moçambique e arquitecto da unidade nacional. □

* Título da responsabilidade da redacção.